

NAQUELA MESA- (RE)CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS, TROCAS E TRETAS ENTRE UNIVERSITÁRIOS DE ORIGEM PERIFÉRICA

Rosemere Santos Maia¹

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro

rosemaia@terra.com.br

Resumo

Através do presente artigo, serão analisadas relações que, ao longo de dois anos e meio, foram estabelecidas em torno de uma mesa por alunos e tutora participantes de um projeto vinculado ao Programa de Educação Tutorial Conexões de Saberes/ Ministério da Educação/SESU. A Mesa, aqui, deixa de ser um objeto inerte e torna-se espaço de sociabilidade, sendo fundamental enquanto protagonista das trocas e “tretas” passadas ao seu redor. Como ocorreria num grande banquete, parte-se do momento em que é feito o convite. O perfil dos convidados é apresentado, assim como são mencionados, ao longo do texto, os ingredientes variados que fizeram parte do menu servido: desde a convocação daqueles que lá estavam sentados, passando por questões relacionadas à origem de classe, condição periférica, gênero e sexualidade, xenofobia, dentre tantos outros temas. Para tal, são retomados fragmentos de narrativas produzidas pelos alunos e registros derivados de observações feitas pela tutora. Pretende-se, assim, evidenciar o poder exercido pela Mesa na constituição de práticas identitárias entre os “comensais”, na criação de redes de sociabilidade e na definição de territorialidades, ao mesmo tempo em ficam evidentes os conflitos ocorridos, que puseram à prova a capacidade do grupo de proposição/manutenção de projetos comuns.

Palavras-chave: Identidade; sociabilidade; periferia; territorialidade; projetos de vida.

AROUND THAT TABLE – IDENTITY (RE)CONSTRUCTIONS, EXCHANGES AND PRANKS AMONG UNIVERSITY STUDENTS FROM THE PERIPHERY

Abstract

This paper analyses the relationships that were established along two and a half years by university students and their advisor around a table where they discussed a project linked to the Knowledge Connections Tutorial Education Program/Education Ministry/SESU. The table, here, is no longer an inert object, since it becomes a space of sociability that is fundamental as a protagonist of the exchanges and ‘pranks’ that occurred around it. As in a great banquet, we start from the moment the invitation was made. The profile of those invited and the different ingredients used to create the menu served are presented along the text. The convocation of those sitting around it and issues related to their origin regarding class, living conditions in the periphery, gender and sexuality, xenophobia and other themes are addressed. The data analysed includes fragments of the narratives produced by the students and written records of observations made by the advisor. The purpose of this work was to evidence the power exercised by the Table in the constitution of identity practices among the ‘guests/participants’ when creating sociability networks and defining territorialities, at the same time, it reveals the conflicts occurred, which tested the ability of the group to propose/maintain common projects.

Keywords: Identity; Sociability; Periphery; Territoriality; Life projects.

EN AQUELLA MESA – (RE)CONSTRUCCIONES IDENTITARIAS, TRUEQUES ENTRE ESTUDIANTES UNIVERSITARIOS CON ORIGEN PERIFÉRICO

Resumen

A través del presente artículo, serán analizadas relaciones que, a lo largo de dos años y medio, fueron establecidas entorno de una mesa compuesta por alumnos y tutora, participantes de un proyecto vinculado al Programa de Educación Tutorial: Conexiones de Saberes / Ministerio de Educación / SESU. La Mesa, aquí, deja de ser un objeto inerte e se vuelve un espacio de sociabilidad, siendo fundamental como protagonista de los “trueques” y “tretas” que pasan a su alrededor. Como ocurriría en un gran banquete, se parte desde el momento en que es hecha la invitación. El perfil de los convidados es presentado, así como son mencionados, a lo largo del texto, los variados integrantes que hicieron como parte del menú servido: desde la convocatoria de aquellos que allá estaban sentados, pasando por cuestiones relacionadas a la clase social de origen, condición periférica, género y sexualidad, xenofobia, dentro de tanto otros temas. Para esto, son retomados fragmentos de narrativas producidas por los alumnos y registros derivados de observaciones hechas por la autora. Se presentan, de este modo, para evidenciar el poder ejercido por la Mesa en la construcción de prácticas identitarias entre los “comensales”, en la creación de redes de sociabilidad y en la definición de territorialidades, al mismo tiempo, queden en evidencias los conflictos ocurridos, que pusieron a prueba la capacidad del grupo de proposición/manutención de proyectos comunes.

Palabras claves: Identidad; Sociabilidad; Periferia; Territorialidad; Proyectos de vida.

Introdução

Agora a mesa repleta/está maior do que a casa. /Falamos de boca cheia,
xingamo-nos mutuamente, /rimos, ai, de arrebrantar/,
esquecemos o respeito/terrível, inibidor,
e toda a alegria nossa, /ressecada em tantos negros
bródios comemorativos/ (não convém lembrar agora),
os gestos acumulados/de efusão fraterna,
atados (não convém lembrar agora),/as fina-e-meigas palavras
que ditas naquele tempo, /teriam mudado a vida
(não convém mudar agora), /vem tudo à mesa e se espalha
qual inédita vitualha.

(A Mesa- Carlos Drummond de Andrade)

Quantas histórias podem ser contadas em torno de uma mesa? Quantas trocas e quantas “tretas”¹ são capazes de unir ou opor aqueles que partilham de seus assentos? Quantas novas ideias têm o poder de emergir das mentes daqueles que a tornam espaço de traçados, de projetos? Quantos territórios e microterritorialidades ela pode conter, revelar e esconder?

Aqui, a mesa assumirá uma conotação especial enquanto espaço de sociabilidade, lugar de presença no mundo, centro de afirmação de identidade(s). Éramos treze em torno dela: eu, na condição de tutora² de uma equipe - em geral sentada à cabeceira - ladeada/cercada por 12 alunos de graduação³ (oriundos de cursos diversos), bolsistas do Programa de Educação Tutorial/ PET Conexões.

Antes da constituição dessa equipe, a mesa da sala 29 da Escola de Serviço Social da UFRJ era vista por mim só como uma mesa, em seu sentido literal. Um objeto móvel, inerte, sem alma e que, vez por outra, era ocupado por professores para alguma reunião de caráter mais burocrático, ou usado para debates entre membros de um grupo de pesquisa. Eu mesma já coordenara outros projetos, com outros alunos, mas, mesmo estabelecendo relações mais longevas e/ou próximas com os discentes, a mesa nunca deixou de ser, tão somente, uma mobília. Com o PET foi diferente. Ela- a Mesa⁴ - assumiu um protagonismo diferenciado desde o primeiro momento em que nos posicionamos ao seu redor e, ao longo de dois anos e meio de existência do grupo, tornou-se peça fundamental das muitas reflexões que serão reconstituídas no presente artigo.

¹ Segundo o dicionário Michaelis, TRETA é um substantivo feminino que designa a habilidade ou destreza ao lutar. É um ato que revela astúcia, ardil, trapaça.

O termo é utilizado como gíria, sugerindo briga ou discussão agressiva, mentira ou excesso de falsidade; situação muito complicada; bagunça; confusão. Estas eram as conotações comumente atribuídas pelos alunos à palavra.

² Juridicamente falando, o tutor é aquele indivíduo que foi legalmente incumbido de tutelar alguém, com o encargo de amparar, proteger e defender sua pessoa e seus bens. No PET, seu papel não é menos complexo, visto que a ele cabe “orientar os alunos no caminho de uma aprendizagem segura, relevante, ativa, planejada e adequada às necessidades do grupo e do curso como um todo”. (MEC/SESU, 2006)

³ Ao longo do texto, os alunos serão tratados em referência a minerais/pedras preciosas, cujos nomes foram escolhidos por eles, visando resguardar as suas identidades.

⁴ A partir de agora, iremos usar Mesa, com M maiúsculo, tendo em vista a personificação, o protagonismo e a singularidade que pretendemos, neste artigo, atribuir a ela.

O convite para a tomada de assento à mesa...

O PET/Conexões – Programa do Governo Federal criado em 2006 – é orientado pelo princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão e, segundo consta em seu manual de orientações básicas, constitui-se numa

modalidade de investimento acadêmico em cursos de graduação que têm sérios compromissos epistemológicos, pedagógicos, éticos e sociais. Com uma concepção baseada nos moldes de grupos tutoriais de aprendizagem e orientado pelo objetivo de formar globalmente o aluno, o PET não visa apenas proporcionar aos bolsistas e aos alunos do curso uma gama nova e diversificada de conhecimento acadêmico, mas assume a responsabilidade de contribuir para sua melhor qualificação como pessoa humana e como membro da sociedade. (MEC, 2010, p. 4-5)

O projeto por mim coordenado - Pelos caminhos de Santa Cruz, desvendando percursos e percalços – visava o favorecimento e o fortalecimento da interlocução entre a UFRJ e os espaços populares, centrando sua atuação no bairro de Santa Cruz, localizado na zona oeste da Cidade do Rio de Janeiro. Como objetivo, pretendia recuperar elementos constituintes do cotidiano dos moradores do bairro mencionado, conferindo atenção especial às intervenções e políticas promovidas pelo Estado. Buscava, outrossim, “dar voz” aos moradores de Santa Cruz, conhecer suas demandas e expectativas, suas práticas sociais, sua cultura, de modo a contribuir para a formulação de políticas públicas e para a visibilidade da área, através de ações que permitissem um protagonismo efetivo da população local, em especial da juventude. Como eixos norteadores do trabalho previa discussões sobre segregação, desigualdade, violência, assistência social, cultura e identidade. Além disso, visava o estabelecimento de parcerias com instituições e organizações comunitárias/sociais, almejando a abertura de canais para a manifestação de demandas e de efetivação de direitos.

Os objetivos do projeto eram, de fato, ousados, dadas sua amplitude e complexidade, sobretudo pelo fato de dependerem, em grande medida, não da boa vontade da equipe, mas do envolvimento de parceiros institucionais e de moradores do bairro mencionado. Não é meu propósito avaliar, no escopo deste trabalho, se foram ou não alcançados em sua integralidade, mas, se aqui foram elencados, deve-se fato de terem sido determinantes dos caminhos trilhados pelo grupo e das relações estabelecidas entre seus componentes.

O convite para a Mesa foi feito através de editais- aqui mencionado no plural, já que, durante o período de vigência do projeto, foram realizados três processos seletivos, tendo em vista a substituição de membros da equipe que, por força das circunstâncias (incompatibilidade de horário, assunção de outras atividades e/ou estágios remunerados, etc.) precisaram se levantar e passar o assento para outro “convidado”.

Para sentar-se à Mesa da sala 29 e participar do PET Conexões “Caminhos de Santa Cruz” o estudante precisava cumprir certos requisitos, como estar regularmente matriculado, preferencialmente, em curso de graduação relacionado às áreas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, apresentar bom aproveitamento acadêmico, ter realizado o ensino médio em escola da rede pública, apresentar renda familiar de, no máximo, 03 (três) salários mínimos, residir em áreas periféricas, favelas, ocupações, assentamentos ou alojamentos estudantis, não receber qualquer outro tipo de bolsa (exceto bolsa auxílio e/ou alojamento). Como pode ser observado, o convidado não usaria “black tie” – deveria ser beneficiário das ações afirmativas e em situação de vulnerabilidade social, cuja permanência na Universidade se colocaria como um grande desafio.

Ao receber o convite (na forma de edital)- que continha, de certo modo, um “RSPV” (“Répondez S'il Vous Plait”) , o interessado em participar da seleção era solicitado não somente a encaminhar sua documentação, mas também uma carta de intenções – onde deveria esclarecer suas motivações para participar daquela Mesa. E os desejos manifestados foram de toda natureza, desde aqueles de cunho estritamente acadêmico, onde mencionavam a relevância da pesquisa e da extensão para sua formação, como outros, que enfatizavam sua condição de classe e as dificuldades de acesso e permanência na universidade; ou ainda revelavam um reconhecimento da cidade enquanto um espaço segregado e desigual, sobretudo quando o olhar sobre ela partia dos pobres, negros, favelados e moradores da (mal)dita periferia. Alguns trechos transcrevo, a seguir:

Ao olhar a página da UFRJ através da rede social rapidamente, e observei “Caminho de Santa Cruz”, e pensei “como assim?” “a UFRJ conhece Santa Cruz”. Então parei para ler o edital, e minha curiosidade cada vez aumentando, e percebi que era essencial a minha participação, pelo fato de viver a realidade deste bairro [...] Santa Cruz possui uma rica história [...] mas infelizmente passa por dificuldades [...]. Por tanto é ideal realizar novas formas de inclusão social em diversos meios, e o Caminhos de Santa Cruz é um início deste passo. (Pérola- discente do Curso de Paisagismo. Permaneceu no PET entre maio de 2017 e dezembro de 2019)

Após a leitura do edital, foi a localidade destinada- Santa Cruz. Resido há 20 anos e conheço parte do bairro. [...] É interessante ressaltar que o que é produzido na academia, pesquisas e informações não são destinadas ao

público em geral, tornou-se algo interno. E isso que o PET propõe é fantástico- unir forças a fim de alcançar pessoas que estão distantes desse mundo particular. Como já bem exposto no edital, associar-se à iniciativa agregará muito valor à nossa formação como profissionais, mas sobretudo como pessoas, não só pelas oportunidades das quais desfrutaremos, como também pelo conhecimento que nos será agregado. (Safira, discente do Curso de História. Permaneceu no PET entre maio de 2017 e dezembro de 2019)

Sabendo as dificuldades que alunos ingressantes por ações afirmativas e moradores de comunidades enfrentam na sua vivência na universidade, tanto pela distância da sua residência, a falta de recursos financeiros para material acadêmico ou passagem pra chegar até as aulas, e pelos muitos alunos que adoececem pelos motivos anteriormente citados, o número de evasão desses alunos é muito grande. [...] Como moradora de área periférica e ingressante por modalidade de ação afirmativa, vivencio muito dessas coisas na UFRJ e ao saber do projeto fiquei muito interessada não apenas pra participar e ter a chance de concorrer a uma bolsa, que por sinal, seria de grande ajuda. [...] O interesse pelo projeto veio também pela área do meu curso; como futura assistente social e aluna que seria acoplada por uma política de Assistência Estudantil que de fato atendesse a todos os alunos que dela necessitam, já vivi na UFRJ alguns problemas quanto à viabilização de direitos. (Turmalina, discente do Curso de Serviço Social. Permaneceu no PET entre maio de 2017 outubro de 2019)

Em geral, as cartas elaboradas pelos alunos, em resposta ao edital, referendavam o que é afirmado por Buarque:

No decorrer do século XIX, os centros brasileiros de ensino superior coexistiram com o regime escravocrata, e eram poucas as demonstrações de insatisfação ou de protesto, e mais rara ainda a luta pela abolição. Grande parte da comunidade universitária assistiu com naturalidade ao absurdo da escravidão, usando seus conhecimentos de direito, economia e engenharia para manter o sistema funcionando de forma eficiente. No século XX, a universidade brasileira permanece impassível e colabora para tornar o Brasil um país dividido entre os que se beneficiam dos produtos da modernidade e os que são excluídos desses benefícios. Hoje, a universidade se comporta diante da pobreza de forma tão alienada quanto o fez, no século XIX, com relação à escravatura. (BUARQUE, s/d, p. 12-13)

A percepção da Academia enquanto lócus de saber destinado a uma elite branca permeou, ao longo dos processos seletivos ocorridos para participação no projeto, as justificativas apresentadas por grande parte dos alunos que concorria às vagas abertas. Todos os candidatos, indistintamente, demonstravam o desejo de ocupar este espaço, embora reconhecessem que muitos obstáculos teriam diante de si ao longo da caminhada.

Enfim, sentado! Mas quem é este que está ao meu lado?

Sobre identificações e estranhamentos

Sentar-se a uma Mesa, ao lado de desconhecidos, nem sempre é tarefa fácil ou uma situação confortável. Colocar-se na roda traz, a reboque, questões que se referem à alteridade e ao estranhamento. Na sua obra “A Conquista da América” Todorov (1993) apresenta a descoberta e as relações que se estabelecem entre o eu e o outro a partir da chegada europeia nos territórios americanos. Ao tratar da problemática da alteridade, o autor reconhece três eixos principais:

Primeiramente, um julgamento de valor (um plano axiológico): o outro é bom ou mau, gosto dele ou não gosto dele. [...] Há, em segundo lugar, a ação de aproximação ou de distanciamento em relação ao outro (um plano praxiológico): a dos valores do outro, identifico-me a ele; ou então assimilo o outro, impondo-lhe minha própria imagem; entre a submissão ao outro e a submissão do outro há ainda um terceiro termo, que é a neutralidade, ou indiferença. Em terceiro lugar, conheço ou ignoro a identidade do outro (seria o plano epistêmico); aqui não há, evidentemente, nenhum absoluto, mas uma gradação infinita entre os estados de conhecimento inferiores e superiores.

Existem, é claro, relações e afinidades entre esses três planos, mas nenhuma implicação rigorosa; não se pode, pois, reduzi-los um ao outro, nem prever um a partir do outro. [...] O conhecimento não implica o amor, nem o inverso; e nenhum dos dois implica, ou é implicado, pela identificação com o outro. Conquistar, amar e conhecer são comportamentos autônomos e, de certo modo, elementares. (1993, p. 223)

Aqueles que compartilharam as muitas experiências que passaram, a partir de então, a se colocar sobre e ao redor daquela Mesa tiveram a possibilidade de manifestar comportamentos e sentimentos idênticos aos referidos pelo autor, resultando em situações onde os “comensais” criavam julgamentos entre si, tentavam impor suas visões de mundo, tornavam-se indiferentes – ou, ao contrário, extremamente empáticos- em relação às dores do outro; estabeleciam classificações com base em gênero, sexualidade, raça, região geográfica de origem. Aos poucos, foram se conhecendo, amando-se, identificando-se, alternando-se entre trocas e tretas. Aos poucos, foram percebendo que o distanciamento, na sua essência, pode conduzir à indiferença, sendo extremamente danoso. Do mesmo modo, constataram que a aproximação absoluta é igualmente prejudicial, pois como sugerem Thones e Pereira (2013),

esse modo de relação que cola os sujeitos não permite espaço para o reconhecimento da alteridade. Ou seja, é fundamental a presença do igual, do mesmo, do próprio, mas a diferença é também vital ao sujeito, já que não há subjetivação possível sem abertura ao Outro, ao que vem de fora, à alteridade. Nessa perspectiva, a destruição do estranho implica no aniquilamento do que é próprio. (2013, p. 511)

Entre identificações e estranhamentos, hierarquias e diferenciações foram sendo estabelecidas. Deu-se, a partir do aprofundamento das relações, o fortalecimento do sentimento de grupo – através de uma suposta “identidade PETiana”. Ao mesmo tempo, sentar-se à Mesa permitiu a cada um deles perceber seu lugar naquele contexto, compreendendo, assim, que “ser alguém” ali dependia do reconhecimento do outro, a exemplo do sustentado por Bock, pois sem tal reconhecimento não se “teria elementos de comparação que permitissem ao meu eu destacar-se dos outros eus” (1999, p. 204).

Na Mesa, também ficaram evidentes algumas cisões entre seus participantes, que passaram a demonstrar preferências, favorecendo uma maior aproximação de alguns - permitindo que relações ali iniciadas fossem capazes de se estender para além da Mesa-, ou, simplesmente, deixando claro que o contato ali estabelecido dali não passaria, como se a regra fosse a tolerância, e não o vínculo.

O processo de identificação (ou de estranhamento) só foi possível a partir das muitas histórias que tiveram espaço naquele lugar. Todos ali sentados trouxeram para a Mesa seus dramas cotidianos, suas angústias, suas perspectivas/expectativas, demonstrando a importância das narrativas, do “ato de contar histórias”, a exemplo do sugerido por Martino:

Mais do que isso, o ato de contar histórias está ligado, em boa parte dos casos, a um sentido de compartilhar algo com outras pessoas; histórias são contadas para o outro; mesmo quando a narrativa é feita para si mesmo, no sentido de um solilóquio, os fatos narrados e o modo de narrar se interpelam em termos da recordação do que outros contaram. O ato narrativo, o momento de contar uma história, parece ser um momento privilegiado para se pensar e entender o ato comunicacional como uma forma de encontro com o outro. (2016, p.42)

Crônicas cruzadas- leituras partilhadas sobre classe, raça, gênero, sexualidade

O encontro com esse(s) outro(s) passou ocorrer quando as muitas narrativas apresentadas a cada reunião foram percebidas como “crônicas cruzadas”, tornando evidente que, em grande medida, vários dos fatos relatados por cada um eram questões recorrentes nas falas dos outros. Para além disto: os ocupantes dos assentos à Mesa

puderam constatar que a “narração, mais do que o impulso de ‘contar histórias’, é uma das modalidades do ser social e político”. (MARTINO, p. 44) No que tange especificamente à origem de classe, reproduzo, abaixo, alguns relatos que atestam “leituras” partilhadas a respeito de uma posição “subalterna” no que se refere ao lugar socialmente destinado a eles. Tais trechos foram extraídos de textos e memoriais escritos pelos participantes do grupo, e retratam muitas das conversas que ocorreram em torno da Mesa:

Ser oriunda de bairros periféricos com o agravante de baixa renda, já são fatores significativos para um olhar limitado sobre o que se pode alcançar na vida, por isso, logo nos primeiros anos de colegial senti a pressão do que é ser economicamente diferente dos demais, mesmo que não fosse uma compreensão aguçada do que de fato se vivia. Além disso, experimentei o incômodo que é passar pelo estigma que o sociólogo Erving Goffman descreve, quando expressa a relação do desacreditado e do “desacreditável”. (Esmeralda, discente do Curso de Serviço Social. Permaneceu no PET entre abril e outubro de 2019).

Meus pais sempre se esforçaram muito para me criar. Não é difícil recordar da tristeza deles em não poder investir tanto em minha educação... Em todo término de mês, eles faziam as contas para cogitar alguma possibilidade em pagar uma escola para que eu pudesse estudar. (Alexandrita, discente do Curso de Psicologia. Permaneceu no PET entre junho de 2017 outubro de 2019).

Minha avó, que tinha a quarta série do ensino primário, prestou concurso para servente da Prefeitura do Rio e passou para atuar nas escolas do Município[...]isso foi a salvação das nossas vidas. Na ocasião, eu já tinha nascido, e falar da trajetória profissional dela nessa narração é bem importante, pois só não morremos de fome graças aos restos de merenda que minha avó trazia. Ainda consigo sentir o gosto daquela merenda. (Ágata, discente do Curso de Serviço Social. Permaneceu no PET entre maio de 2017 outubro de 2019).

Minha passagem pelo PET, ainda que só por um ano, representa uma realização pessoal do que desejei ainda na UERJ. A inserção no grupo me permitiu amadurecer a ideia de pertencimento, pois até pouco antes tinha vergonha de morar em favela. Faltava entender que os estigmas construídos em torno deste ambiente são resultantes da luta de classe, e como a favela representa uma resistência histórica a esta. (Cristal, discente do Curso de Serviço Social. Permaneceu no PET entre fevereiro e outubro de 2019).

A situação de classe, embora percebida como comum a todos, era apresentada a partir de vivências singulares, ora utilizando para tal o critério renda; outras vezes em referência ao não acesso a bens e serviços; em alguns momentos com base em situações de privação ou de fome; em outras ocasiões, com clara remissão ao local de moradia. A elaboração das narrativas, deste modo, dependia dos diferentes “enquadramentos” e “filtros” derivados/marcados das/pelas relações que estabeleciam não só ali, mas, sobretudo, daquelas que estavam para além da Mesa: no contexto familiar e comunitário,

nas organizações/instituições sociais e demais coletivos de que faziam parte; na interação com amigos. Cada discente apresentava um modo próprio de ler a realidade, ancorado em elementos que transitavam entre fatores subjetivos, objetivos e intersubjetivos. E através dessas muitas vivências e percepções, das trocas experimentadas naquele contexto, estabeleciam classificações/demarcadores em torno da pobreza. Mais que isto, elaboravam uma “consciência de classe”, rompendo com uma visão fatalista de mundo, identificando-se com os sentimentos e sofrimentos vividos pelos demais membros do grupo, vislumbrando outras possibilidades de organização comunitária/societária, fruto da percepção de que a ação política é fundamental para a transformação do estado atual das coisas.

Sentar-se à Mesa era visto pelos alunos como uma oportunidade ímpar, dado que, segundo costumavam afirmar, não se sentiam devidamente acolhidos pela academia. Algumas vezes, como diziam, viam-se como verdadeiros ET (extraterrestres). Embora todos fossem oriundos das classes populares, para os negros tal sentimento de inadequação ainda era mais dramático, justamente por ocuparem um espaço historicamente destinado majoritariamente às elites brancas. Segundo Gonçalves e Ambar,

Esta disparidade acentua o isolamento vivenciado por boa parte do(a) s jovens negro(a)s que conseguem chegar ao ensino superior. Tais jovens são percebidos e se veem como corpos estranhos a este ambiente. O ensino básico que receberam, com frequência de qualidade inferior ao cursado pela maioria do(a)s estudantes branco(a)s, não lhes permite dominar com destreza o código linguístico exigido na academia. E é justamente este código que, de acordo com Carvalho (2003), permite “o acesso à pesquisa, aos grupos de discussão, às informações e aos dados do saber disciplinar que apenas circulam nas interações informais, depende da absorção e da familiaridade no manejo desses códigos quase esotéricos da nossa prática acadêmica.” (2015, p. 207)

Estarem ali, naquela Mesa, na qualidade de bolsistas de um Programa Institucional que tem vista o desenvolvimento da excelência acadêmica colocava-os numa situação diferenciada (que isto não seja entendido como privilégio), considerando outros tantos negros que jamais teriam acesso àquele lugar. Um trecho do relatório escrito por Jaspe retrata bem a situação:

Costumo dizer que, para alunos periféricos/ favelados/ negros, ingressar na Universidade Pública é apenas o A, logo depois vem o alfabeto inteiro, do B ao Z (incluindo o K, W, Y). Isso porque, o ingresso via cotas não garante a formação. Na realidade, há uma grande evasão de alunos durante a graduação, tamanha a complexidade que é ocupar tais espaços. [...] O Programa de Educação Tutorial PET - Conexões de Saberes possibilitou a alunos periféricos, o desenvolvimento de diversas

ações inovadoras que abriram o leque de possibilidades para os mesmos dentro da Universidade e do universo da Pesquisa e Extensão. Caminhando de forma contrária as estatísticas e ocupando os espaços que sempre foram negados. É de suma importância para os alunos um programa como este, pois quando entramos na Universidade, encontramos o lugar do não ser, do não pertencer. (Jaspe, discente do Curso de Serviço Social. Permaneceu no PET entre maio de 2017 outubro de 2019)

Um fragmento do memorial de Quartzzo é igualmente exemplar:

Sou diariamente visto por olhares negativos quando estou simplesmente chegando ou saindo da aula como se eu não fosse merecedor de estar naquele espaço, e é isso que essas pessoas pensam, fora da bolha universitária ou até dentro dela, poucos me enxergam como alguém inteligível o suficiente para produzir conhecimento; nossos corpos são vistos apenas como classe trabalhadora ou quando nem somos humanizados a ponto de ser lido como tal onde constantemente olham nossa cor e associam ao perigo, o incômodo é certo quando frequentamos os shoppings ou as praias da zona sul. (Quartzzo, discente do Curso de Serviço Social. Permaneceu no PET entre março a outubro de 2019)

A temática racial, de uma forma ou de outra, sempre se apresentou como item do cardápio, levando-nos, comensais negros ou brancos, a uma aproximação à questão, rompendo, de certo modo, com visões que atestavam a existência, no Brasil, de uma suposta “democracia racial” Segundo Fernandes e Souza, ela (a democracia racial) é uma “fábula” que

dissimula tensões raciais e cria a ilusão de inclusão, silenciando vozes que denunciam a violência real e simbólica, construindo, de muitas formas, tanto lugares de privilégio quanto de exclusão e discriminação. As estigmatizações e humilhações sociais cotidianas, explícitas ou implícitas, sutis ou veladas, levam muitas vezes à formação de uma identidade negra ambígua e fragmentada. O ideal do branqueamento conduz alguns negros ao paradoxo instalado em sua subjetividade – a desejar tudo aquilo que representa a sua negação, ou seja, a brancura. (2016, p.111-112)

O fato de alguns dos alunos negros participarem de coletivos com foco na temática étnico-racial permitiu ao grupo não somente uma maior qualificação do debate sobre o tema, mas também uma maior percepção dos dilemas experimentados, cotidianamente, por aqueles que se tornam alvos de olhares enviesados, de suspeitas infundadas, de violência e racismo institucional/estrutural, de discriminação de toda sorte. Tretas também surgiram em decorrência da inabilidade ou da falta de empatia por parte de alguns que, por não serem afetados diretamente por tais processos, minimizavam as dores do outro ou não viam relação direta entre elas e o racismo. Inúmeras vezes, um relato de

situação de racismo ou discriminação costumava ser seguido de frases como: “Não pensem que estou me vitimizando”, “Não venham me dizer que vejo racismo em tudo”, “Não achem que estou de mimimi” - como se concluir a fala dessa forma fosse capaz de atribuir maior credibilidade ao que estava sendo relatado e/ou pudesse tornar os demais mais sensíveis à questão. Interessante mencionar que a afirmação de uma identidade negra foi, visivelmente, forjada e ampliada, ao longo do processo, corroborando o que é sustentado por Sousa:

Ser negro é, além disto, tomar consciência do processo ideológico que, através de um discurso mítico acerca de si, engendra uma estrutura de descobrimento que o aprisiona numa imagem alienada, na qual se reconhece. Ser negro é tomar posse desta consciência e criar uma nova consciência que reassegure o respeito às diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração. Assim, ser negro não é uma condição dada, a priori, é um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro. (1983, p.77)

Esse “tornar-se” negro apareceu de inúmeras maneiras: na valorização de uma “estética negra”, através na assunção de um cabelo livre de químicas e alisantes (o que não ocorria sem dilemas, pois implicava num processo de transição demorado e nem sempre bem aceito inclusive por amigos e familiares; em ter que conviver com comentários jocosos/irônicos), ou no uso de dreads ou tranças; na apropriação de uma literatura produzida por intelectuais negros; na militância em coletivos que, em alguns casos, traziam igualmente a dimensão da interseccionalidade⁵, demonstrando a inseparabilidade estrutural entre o racismo, o capitalismo e o cis-heteropatriarcado⁶. Não foi somente naquela Mesa, mas também nela, que a consciência sobre a negritude e sua consequente valorização se tornaram essenciais para que os alunos passassem a reivindicar um outro posicionamento por parte da Universidade em relação às questões étnico-raciais, contribuindo para a afirmação identitária e para a defesa de direitos. De acordo com Fernandes e Souza,

A escola não pode ser espaço de alienação da negritude e de expropriação do corpo negro, mas espaço que valorize a autenticidade e

⁵ L'intersectionnalité renvoie à une théorie transdisciplinaire visant à appréhender la complexité des identités et des inégalités sociales par une approche intégrée. Elle réfute le cloisonnement et la hiérarchisation des grands axes de la différenciation sociale que sont les catégories de sexe/genre, classe, race, ethnicité, âge, handicap et orientation sexuelle. L'approche intersectionnelle va au-delà d'une simple reconnaissance de la multiplicité des systèmes d'oppression opérant à partir de ces catégories et postule leur interaction dans la production et la reproduction des inégalités sociales (Bilge, 2009, p. 70)

⁶ O heteropatriarcado é uma modalidade que advém do modelo patriarcal, centrando seu poder de dominação do homem sobre a mulher a partir da heterossexualidade- ou da heteronormatividade. Não dá margem a outras relações afetivo-sexuais, ou sexo-genéricas. O cis-heteropatriarcado concebe como única existência válida aquela onde se dá a participação de dois gêneros: masculino ou feminino, não reconhecendo pessoas de gênero não binário, trans ou gays.

originalidade extirpadas pelo racismo. A escola pode assim possibilitar ao aluno negro um questionamento sobre o seu corpo que não o leve a tentativa de fazer-se branco, mas de tornar-se negro. (2016, p. 116-117)

As trocas estabelecidas foram fundamentais para tal processo. Entretanto, algumas “tretas” também se fizeram presentes e, de algum modo, permitiram que os “brancos” do grupo também se apropriassem do debate acerca do racismo, passando a ter consciência do quanto algumas atitudes e ou falas- tão naturalizadas e disseminadas em nossa sociedade- escondem e/ou revelam preconceitos e discriminações. Por várias vezes, discussões surgiram em razão do uso inadequado de palavras ou expressões que traziam em si referências racistas, embora fossem comumente utilizadas no cotidiano- como “denegrir” e “a coisa tá preta”. Um dos maiores e mais acalorados debates decorreu, inclusive, de um questionamento que fiz a uma das bolsistas sobre um comentário que ouvi, a partir de sua afirmação de que determinado assunto (na verdade, já nem me lembro qual, mas certamente trazia em si a temática racial) “até poderia ser discutido pela professora X, embora ela fosse branca”. A discussão tensa que se deu, a partir daí, talvez tenha relação com o que vem sendo apresentado como “lugar de fala”. Segundo Ribeiro,

Dentro desse projeto de colonização, quem foram os sujeitos autorizados a falar? O medo imposto por aqueles que construíram as máscaras serve para impor limites aos que foram silenciados? Falar, muitas vezes, implica em receber castigos e represálias, justamente por isso, muitas vezes, prefere-se concordar com o discurso hegemônico como modo de sobrevivência? E, se falamos, podemos falar sobre tudo ou somente sobre o que nos é permitido falar? Numa sociedade supremacista branca e patriarcal, mulheres brancas, mulheres negras, homens negros, pessoas transexuais, lésbicas, gays podem falar do mesmo modo que homens brancos cis heterossexuais? Existe o mesmo espaço e legitimidade? (2017, s/p)

Meu questionamento foi no sentido de que aquele comentário era inadequado; que era fundamental, no espaço acadêmico, ouvirmos todas as vozes, sobre todos os assuntos- até porque, nas universidades brasileiras, o contingente de docentes negros ainda é muito pequeno. Obviamente, a localização social de cada um determinará seu olhar sobre cada tema. O importante é que ninguém seja silenciado e/ou invisibilizado. Assim, todos têm “lugar de fala”, a exemplo do que é sustentado por Ribeiro:

O fundamental é que indivíduos pertencentes ao grupo social privilegiado em termos de lócus social consigam enxergar as hierarquias produzidas a partir desse lugar e como esse lugar impacta diretamente na constituição dos lugares de grupos subalternizados.

Numa sociedade como a brasileira, de herança escravocrata, pessoas negras vão experienciar racismo do lugar de quem é objeto dessa opressão, do lugar que restringe oportunidades por conta desse sistema

de opressão. Pessoas brancas não experienciam do lugar de quem se beneficia dessa mesma opressão. Logo, ambos os grupos podem e devem discutir essas questões, mas falarão de lugares distintos. Estamos dizendo, principalmente, que queremos e reivindicamos que a história sobre a escravidão no Brasil seja contada por nossas perspectivas também e não somente pela perspectiva de quem venceu, para parafrasear Walter Benjamin, em Teses sobre o conceito de história. Estamos apontando para a importância de quebra de um sistema vigente que invisibiliza essas narrativas. (2017, s/p)

Nesse processo de (re)conhecimento do outro, a Mesa foi se mostrando diversa. Não era somente o “critério raça” que distinguia seus participantes, mas também aquele referente à orientação sexual e à identidade de gênero. A toalha que cobria aquela Mesa expunha todas as cores do “arco-íris”, num contexto em a sigla LGBTQ+ não era uma “sopa de letrinhas” apresentada sobre ela, mas síntese de construções identitárias que também distinguiam e/ou aproximavam os “comensais”. À Mesa sentaram-se gays, lésbicas, bi e heterossexuais que, ali, também puderam se fortalecer e expressar as angústias decorrentes de processos sociais e práticas institucionais (inclusive daquelas originárias da universidade) que contribuem para a disseminação/imposição da “pedagogia do armário”. Segundo Junqueira,

O “armário”, esse processo de ocultação da posição de dissidência em relação à matriz heterossexual, faz mais do que simplesmente regular a vida social de pessoas que se relacionam sexualmente com outras do mesmo gênero, submetendo-as ao segredo, ao silêncio e/ou expondo-as ao desprezo público. Com efeito, ele implica uma gestão das fronteiras da (hetero)normalidade (na qual estamos todos/as envolvidos e pela qual somos afetados/as) e atua como um regime de controle de todo o dispositivo da sexualidade. Assim, reforçam-se as instituições e os valores heteronormativos e privilegia-se quem se mostra devidamente conformado à ordem heterossexista (2012, p.71).

Aqueles que expressavam dissonância em relação a esta ordem e àqueles valores, relatavam situações que remetiam à homofobia, às sucessivas e infrutíferas tentativas exercidas por terceiros de controle de seus corpos, à censura, aos conflitos familiares, ao sentimento de não pertencimento a determinados espaços, às zombarias de que eram alvos. Ainda de acordo com Junqueira, a própria “escola, lugar do conhecimento, mantém-se em relação à sexualidade e ao gênero, como lugar de censura, desconhecimento, ignorância, violência, medo e vergonha.” (2012, p. 71) Em relação a isso, é exemplar o depoimento de Quartz:

Quando você é um jovem negro que não performa a masculinidade esperada de homens pretos causa um estranhamento, circulando numa

região da cidade majoritariamente habitada por pessoas brancas heteronormativas que não estão acostumadas a dividir o seu espaço com aqueles que são diferentes dos seus.

Nossa Mesa, apesar das muitas tretas de que foi testemunha, tinha o potencial de ser um espaço de acolhimento para essas “notas” vistas como “dissonantes”, segundo a perspectiva heterossexista. Isso foi fundamental para que todos aqueles “performando”, ou não, a masculinidade e/ou a feminilidade convencionalmente esperadas, pudessem ali se sentar confortavelmente. Houve um caso, em especial, que até a namorada/companheira de uma das alunas esteve presente em vários de nossos “banquetes”, tornando-se nossa fotógrafa quase oficial.

À Mesa, os integrantes se sentiam tão à vontade, que questões referentes à sexualidade eram tratadas com toda a naturalidade. Uma de nossas integrantes mais recentes, que tomou assento em 2019, também encontrou ali, após dois meses de seu ingresso, um lugar para revelar-se lésbica- o que, segundo ela, precisava esconder da família (muito em função da religião, já que é evangélica) e também não tivera coragem de assumir diante de outros colegas da academia. Também houve “confissões” de práticas sexuais não convencionais, de desejos reprimidos ou “incontroláveis”, de insatisfações no casamento, de violência doméstica. Lá procurávamos tratar “a vida como ela é”. Algumas situações relatadas eram recebidas diferentemente pelos membros do grupo, sobretudo em função da formação que receberam de seus familiares, ou mesmo de suas referências religiosas. Uma das alunas, praticante de religião de matriz africana, dizia-se bissexual e contava as suas tretas com “o bofe” e “a bofa” de forma bastante natural. Havia risinhos, naturalmente- mais em função da forma como os fatos eram narrados, e menos em razão de algum componente de censura. Vale ressaltar que, ao contrário do que ocorre com os cristãos (católicos ou evangélicos) - onde há prescrições a respeito de “padrões comportamentais”,

Não existe no candomblé uma discussão a respeito de comportamentos considerados bons, apropriados ou desejáveis. Isto não significa que não existam normas, nem princípios éticos nos terreiros. Porém, esta ética é toda direcionada para a relação fiel-orixá, ela pouco ou nada fala sobre a relação entre os fiéis entre si ou dos fiéis com outras pessoas que não praticam a religião (...) Não faz diferença nenhuma em termos litúrgicos qual a orientação sexual ou estrutura de família vivenciada pelo fiel, pois é algo que não diz respeito à sua vida religiosa. (CORDOVIL 2016: 131)

O limite da (IN)tolerância

Apesar de ter como característica a inclusão e o acolhimento, a Mesa também presenciou acusação de atitudes xenofóbicas. Uma das alunas, oriunda do nordeste do Brasil, não se sentia integrada à equipe, acolhida por ela. Arretada, de temperamento forte, tinha um jeito incisivo de falar, o que para alguns do grupo beirava à agressividade, ao autoritarismo.

Conflitos que esta aluna teve com uma outra integrante da equipe- emanados de outros ambientes (durante a realização de um trabalho para uma disciplina e num grupo de WhatsApp)- acabaram por respingar sobre a mesa, transformando-se numa grande querela, colocando praticamente todos contra ela (a aluna que se sentira ultrajada). Talvez, neste momento, a Mesa tenha se desestabilizado totalmente, tamanho o peso que teve que suportar. Talvez, ali, ela tenha demonstrado seu momento de maior fragilidade, vendo facas sendo arremessadas, pratos sendo partidos, e todas as nutrientes que o grupo conseguira acumular, até então, sendo desperdiçados em discussões que pareciam não ter fim. Estenderam-se por semanas- penso que meses, posto que sempre voltavam à tona. A partir deste fato, deu-se um esgarçamento das relações, um adoecimento de alguns membros da equipe e muitos ficaram tentados a deixar seus assentos, inclusive eu. Percebia que alguns permaneceram apenas em função da bolsa recebida, com a qual já contavam para manterem-se na faculdade.

Mesmo enquanto estive à cabeceira da Mesa, nunca compreendi o ocorrido como ato de xenofobia. Nem teria sentido tal acusação, já que havia outros alunos que tinham histórias de migrações na família. Citrino⁷, por exemplo, era gaúcha, vinda de Porto Alegre. Outros alunos também tinham pais de origem nordestina. Pérola tinha familiares vindos do Norte, mais precisamente do Pará. Nada, naquela Mesa, remetia ao par etnocentrismo/preconceito, a exemplo do que é caracterizado por Damergian:

Ao desenvolver valores (o falar, os costumes, o agir de determinada forma) ligados ao seu grupo e assumir uma atitude etnocêntrica, a pessoa rejeita tudo aquilo que lhe soa como estranho, que não está vinculado à familiaridade de seu cotidiano.

A afirmação do modo de vida da pessoa pode levá-la ao preconceito, pois a identificação exagerada com os valores de seu grupo a leva a subestimar os seus contrários e a desenvolver atitudes negativas em relação a eles. Isso aparece quando do contato com outros grupos socioculturais diferentemente estruturados em termos de costumes, modo de falar, regras de conduta, enfim, de tudo aquilo que a familiaridade transformou em valor e que a intolerância à diferença transforma em hostilidade e rejeição. (2009, p. 254)

⁷ Citrino, discente do Curso de Serviço Social. Permaneceu no PET entre outubro de 2017 outubro de 2019.

A diversidade do grupo não permitiria qualquer tipo de intolerância- nem de natureza xenofóbica, tampouco religiosa; nem mesmo qualquer censura ou crítica a determinados valores familiares. O relato de Cristal demonstra o espírito fomentado no/pelo grupo:

O PET impulsionou-me a uma maior participação e engajamento na academia. Possibilitou também o convívio com outros 11 colegas de diferentes cursos que pensam e se posicionam de diferentes formas, o que foi para todos nós um exercício de tolerar, relevar e respeitar; um exercício de amadurecimento.

Pessoas praticantes de diferentes religiões congradavam-se e respeitavam-se. Ouvíamos relatos de Citrino que, como já mencionado acima, era do “batuque” - termo utilizado no sul do Brasil para designar religião de matriz africana. Trançadeira por ofício, como costumava se qualificar, via nas tranças um resgate da ancestralidade e de manutenção das histórias trazidas pelos africanos escravizados. Neste sentido, tal penteado era por ela encarado como um fator de resistência, um ato também relacionado ao campo do sagrado e, como tal, Citrino destinava sua habilidade a trançar somente pessoas pretas. As tranças não eram compreendidas, desta forma, apenas como um recurso estético, de embelezamento, mas como marcas impressas nos corpos, uma forma de linguagem.

Respeitávamos o recato da Cristal, de formação cristã/evangélica, que demonstrava valores familiares muito rígidos e que, antes de viajar com o grupo para participação num evento, ficou muito preocupada diante da possibilidade de não obter de seus pais autorização para tal, embora já fosse maior de idade. Felizmente, conseguiu ir, sem maiores problemas.

Sabíamos de todo o controle exercido sobre Pérola por seu irmão e sua avó, ao mesmo tempo em que era visível seu desejo de exercer sua liberdade. O PET, para ela, também foi um espaço que permitiu galgar maior autonomia, perceber-se enquanto indivíduo e até arrumar desculpas para justificar-se junto à família sobre a necessidade de realizar atividades para além da academia (já que também fizemos alguns passeios, atividades de extensão, uma viagem e algumas festinhas).

Comer é bom! Mas é preciso ajudar a preparar a comida e a lavar os pratos...

Algumas trocas e tretas que ocorreram na mesa derivaram, claramente, de questões geracionais, já que de seus assentos compartilhavam alunos com idades que iam dos 19/20 aos 40 anos, expondo pessoas de diferentes faixas etárias às mesmas experiências, trazendo, de certo modo, uma “despadronização do curso de vida” – uma possibilidade que, segundo mencionado por Vieira (2008), seria uma característica da “era pós-moderna”. Nesse sentido, a forma como as alunas que já passavam dos 30 anos (duas delas já mães, uma outra com enorme responsabilidade pelos sobrinhos) encaravam o lugar que ocupavam naquela mesa era, de certo modo, diferenciado daquele detido pela maioria dos mais jovens (salvo exceções, é claro!).

Havia uma maior maturidade – inclusive uma das alunas dessa faixa era quem costumava assumir uma posição de liderança na minha ausência e, brincando, costumava dizer que tomaria, no futuro, o meu lugar na Instituição. Para essas alunas mais velhas, parecia que a universidade assumia uma dimensão quase sagrada, justamente pelo fato de, durante a juventude, não terem podido usufruir daquele espaço. Outras responsabilidades haviam se colocado, exigindo a “abdicação” da condição juvenil e dos estudos, a exemplo do que é relatado por Ágata em seu memorial:

Ter a oportunidade de participar de um projeto acadêmico com essas especificidades que engloba pesquisa, o ensino e a extensão e que me proporciona experiências que vão além da formação técnica, me permite aprimorar principalmente a habilidade trabalhar em grupo, de saber lidar com as diferenças, com opiniões que por vezes divergem das nossas, da democracia nas escolhas, o saber a hora de me posicionar e a hora de recuar, essas são algumas capacidades que consigo citar que desenvolvi através do trabalho nessa equipe interdisciplinar.

Eu Ágata, uma mulher, preta, pobre, mãe da Ágatha, divorciada, balzaquiana, universitária, periférica, desempregada, cotista, bolsista, PETiana, estou firme (por vezes não tão firme) na luta para a expectativa de me formar e concluir mais um ciclo na minha vida e poder dar para minha filha uma infância muito melhor que a minha, por isso resisto aqui no quarto ano consecutivo.

Outra aluna- Lápiz-Lazuli⁸-, já entrando nos quarenta, casada, com um filho de 8 anos e uma filha igualmente universitária, estava ali também firme no seu propósito de realizar sonhos que foi obrigada a suspender quando jovem. Muitas vezes demonstrou desconforto com a atitude blasé de alguns colegas, que apresentaram pouco envolvimento com as tarefas. Até atitudes simples- como “retirar da mesa o prato que comiam” - para eles parecia um fardo. Em certa ocasião - revoltada com o fato de que era quem sempre

⁸ Lápiz-Lazuli, discente do Curso de Serviço Social. Permaneceu no PET entre setembro de 2017 outubro de 2019.

fazia o café, lavava a cafeteira e arrumava a mesa quando a reunião acabava, ajudada por outras duas alunas- disse que não mais seria a “tia do cafezinho”, como se quisesse chamar a atenção para o fato de que não era por ser a mais velha dentre os alunos que deveria responsabilizar-se por “nutri-los” e limpar a sujeira que faziam.

Era patente que, sentados à mesa estavam alguns que, reivindicando para si o “exercício da condição juvenil”, costumavam priorizar “um estilo de vida identificado com o consumo e o bem viver, estilo que se tornou típico entre os jovens das sociedades ocidentais e passou a ser apropriado por outras faixas de idade e por outras fases de vida.” (MINAYO, 2011, p. 23) Em se tratando de jovens oriundos das camadas populares, esse “bem viver”, obviamente, possui suas limitações, conforme aponta a mesma autora:

A socialização desigual orienta, de forma sutil, cada indivíduo para um destino social que, de antemão, já lhe havia sido reservado pela estrutura de classes, conforme a teoria da reprodução de Bourdieu e Passeron (1975). Por isso, sempre será diferente a condição juvenil de quem nasce em uma família abastada com acesso a todos os benefícios da globalização econômica, social, educacional e cultural, e a de um jovem pobre de periferia cujos resultantes da globalização são, quase sempre, maiores dificuldades de inserção na sociedade no âmbito tanto dos direitos fundamentais como no de consumo. (MINAYO, 2011, p. 20)

Entretanto, mesmo reconhecendo tais limitações derivadas de sua origem de classe, era notório que, para alguns “comensais”, o assento à mesa parecia ser especialmente interessante pelos bônus que tal fato trazia: como o reconhecimento da condição diferenciada de ser participante de um projeto como o PET ou pela bolsa recebida como contrapartida. Era como se, idealmente, pensassem que disporiam de alguém no grupo sempre apto a tomar para si a responsabilidade pela “elaboração do cardápio”, pela “produção da comida”, pela “colocação, retirada e lavagem dos pratos”, cabendo a eles somente a degustação do menu. A autonomia, a proatividade e a iniciativa não eram características percebidas em todos. Em decorrência de comportamentos como esses, algumas tretas aconteceram.

Uma das mais emblemáticas ocorreu entre janeiro de 2018 e julho do mesmo ano. Aparentemente, todos estavam empenhados em participar do Fórum Social Mundial, que aconteceria em Salvador, em março. Para isso, foi criado um livro de ouro, foi pensada a realização de um brechó, além de terem sido programadas atividades, durante o carnaval, para venda de bebidas e doces durante os blocos. Tudo para arrecadar recursos que permitissem a participação de pelo menos alguns componentes da equipe no citado evento. O narcisismo e o individualismo prevaleceram e somente metade da equipe envolveu-se no

processo. Resultado: o recurso arrecadado não foi suficiente para o que havia sido programado, mas, diante da realização de um outro evento em Campinas, em julho (que reuniria equipes PET de todo o Brasil), dois trabalhos foram inscritos e selecionados para apresentação e, durante a definição de quem iria, ou não, representar o grupo, uma das bolsistas, que pouco havia participado das atividades mencionadas anteriormente, foi a primeira a solicitar dinheiro para compra de passagem, o que provocou indignação nos colegas que haviam se empenhado para conseguir o recurso, mas que, por outras razões, não poderiam estar no ENAPET.

Esse estilo voltado ao “bem viver”, à busca do prazer, também ficava claro quando algumas atividades eram agendadas, sendo necessário o deslocamento da equipe para o bairro de Santa Cruz para realização de atividades de extensão. As redes sociais contribuíram, de certo modo, para as tretas que surgiram, pois alguns dos membros da equipe diziam-se indispostos ou adoentados no dia da atividade, quando, ao longo de toda a semana e, por vezes, até mesmo no dia da ação programada faziam postagens demonstrando pleno gozo de saúde- em atividades sociais ou em espaços de lazer.

Olhando, hoje, para trás, penso que alguns comportamentos e certas atitudes que se apresentaram entre os integrantes da equipe referem-se ao que alguns autores convencionaram chamar de “mito de Hamlet”. Segundo Birman,

O mito shakespeariano de Hamlet se impõe hoje de forma crucial no imaginário dos jovens e no discurso dos psicanalistas por causa da perda de reconhecimento simbólico, que seria o correlato da perda do investimento narcísico do indivíduo. Em decorrência disso, a cultura do simulacro se disseminou como contrapartida da *incerteza* do que o sujeito é efetivamente. *Ser ou não ser*, eis a nova questão que atravessa a juventude de hoje em seu fundo abissal, marcando a ferro e fogo seu desamparo e seu desalento. (2009, p. 38)

Desamparo e desalento que se manifestavam, em alguma medida, no desinteresse por projetos iniciados; na falta de expectativas em relação ao futuro (inclusive profissional) e, em alguma medida, no “desencanto pela vida”- onde a depressão rondou alguns PETianos, levando-os, claramente, a uma situação de adoecimento físico e mental. Havia, na equipe, uma aluna do curso de Psicologia, que sempre chamava a atenção para esse processo de adoecimento e, em alguns momentos, era convocada pelos colegas a analisar a situação ou a fazer algum tipo de “aconselhamento” em relação às situações manifestadas.

QUANDO A MESA VIRAVA TERRITÓRIO...

Até agora, enfatizamos as trocas e tretas que ocorriam ao redor da Mesa, imprimindo-lhe um certo dinamismo, posto que detentora de um papel que ultrapassava seu caráter de objeto sem alma. A Mesa, desta maneira – e para além de todos os ingredientes já mencionados aqui, no que tange ao menu variado que servia- poderia ser pensada como um “pedaço”, a exemplo do sugerido por Magnani (1998) para designar a forma como o espaço (no caso, a Mesa) tornava-se ponto de referência capaz de distinguir um determinado grupo (no caso, os PETianos) de outros sujeitos, como pertencentes a uma rede de relações:

O termo na realidade designa aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade (MAGNANI, 1998, p. 116).

Esse pedaço possuía, sem dúvida, um substrato material, uma ordem física – a mesa, enquanto móvel. Por outro lado, dia-após-dia, essa móvel presenciou e protagonizou um emaranhado de relações que se estendiam sobre e ao redor dela. Fronteiras tornaram-se mais claras, à medida que os comensais a frequentavam com maior regularidade e estabeleciam vínculos; criavam códigos capazes de separá-los, ordená-los e classificá-los em relação àqueles que não faziam parte daquele pedaço/contexto. Assim, mesmo que outras pessoas, ocasionalmente, fossem convidadas a sentar-se à Mesa isso não significaria, necessariamente, uma “inserção” efetiva no pedaço, tampouco a apreensão dos símbolos e signos partilhados, a percepção das trocas e tretas que faziam parte da dinâmica do grupo. Parecia que, ali, estava sempre de prontidão a Esfinge de Tebas, com seu famoso enigma: “Decifra-me ou te devoro”. E parece que não houve, dentre os que tentaram, um Édipo⁹ capaz de compreender os enigmas do grupo. E houve alguns que lá estiveram- desde pesquisadores, passando por jovens da comunidade onde as atividades de extensão foram desenvolvidas, representantes de organizações da sociedade civil, além de outros docentes da instituição onde o projeto encontrava-se sediado. Todos, ao se levantarem, de modo geral, saíam com a sensação de que ali era, de fato, um território, com

⁹ O jovem Édipo caminhava no monte Cíteron, a fugir do trágico destino que lhe fora profetizado pelo oráculo, quando em meio à travessia, barrando-lhe o caminho, depara-se com uma criatura metade humana, metade animal: "decifra-me ou te devoro" foi a imposição determinada pelo monstro. "Responda-me: quem de manhã tem dois pés, três à tarde e quatro à noite?" Édipo traduz o enigma: "é o homem". Horrorizado com a tradução, o monstro atira-se no abismo às suas costas, abrindo passagem para que o jovem caminhe sem o saber, mas agora de fato, rumo ao cumprimento do vaticínio profetizado pelo oráculo.

códigos próprios- “revelados” em atos que oscilavam, em alguma medida, entre amor e ódio, desconfiança e cumplicidade, competição e solidariedade, sentimentos e atos que somente os membros da equipe conheciam não somente os limites, como os signos que os definiam.

Esse papel ativo, vibrante e até enigmático que possuíam a Mesa e seus componentes ficava ainda mais visível quando as (REL)ações que nela eram experimentadas assumiam uma “materialidade” em outros espaços. Era quando a dimensão (ou caráter) daquela Mesa como um território era percebida pelo grupo como algo singular, demonstrando o que é defendido por Souza ao referir-se ao fato de territórios surgirem nas diferentes escalas temporais, sendo construídos e desconstruídos de formas diferenciadas. Com estas colocações, Souza mostra-nos a possibilidade de compreensão da natureza do território, que tanto pode ser permanente, quanto cíclica, periódica. Assim, afirma:

Territórios, que são no fundo antes relações sociais projetadas no espaço que espaços concretos (...) podem formar-se e dissolver-se, constituir-se e dissipar-se de modo relativamente rápido (...), ser antes instáveis que estáveis ou, mesmo, ter existência regular mas apenas periódica, ou seja, em alguns momentos, e isto apesar de que o substrato espacial permanece ou pode permanecer o mesmo. (1995: 87)

Quando a equipe encontrava-se fora da sala 29 – seja em seminários/congressos ou em atividades extensionistas, onde costumava apresentar performances; seja em piqueniques ou passeios, ou mesmo participando de alguma disciplina-, ela conseguia, através de alguns elementos identitários, afetivos e, obviamente, de poder, colocar-se de forma destacada, vestir e defender a camisa do projeto (inclusive usando uniforme), “fazendo bonito” onde quer que estivesse. Esse “sentimento de grupo” - ou de “família PET” (como costumavam mencionar) – que era, de alguma maneira, fomentado ao redor da Mesa (através de seu cardápio farto e diverso, embora nem sempre palatável), acabava sendo recuperado ou incorporado por eles nessas ocasiões. A cada vez que se encontravam em outros espaços, representando a equipe, era como se estivessem numa Copa ou Olimpíada, defendendo um troféu ou medalha com unhas e dentes. Queriam brilhar. Demonstrar que, daquela Mesa, saíam boas ideias, experiências ímpares a serem relatadas. Experiências estas que se, vez por outra, foram vistas como “micos” e chegaram a gerar discórdias, dissensos, certamente são encaradas hoje como boas lembranças, fatos que contribuíram para seu crescimento pessoal e profissional, rendendo-lhes, inclusive, três

menções honrosas em eventos de natureza científica da Universidade, publicações em revistas científicas e crônicas/narrativas que constam em um livro organizado por mim.

ADEUS: HORA DE DEIXAR A MESA! HÁ VIDA LÁ FORA!

Foram muitas as “refeições” realizadas em torno daquela Mesa. Tantos foram os cardápios elaborados, os planos traçados. Quantos fragmentos ela viu serem colados! Até com purpurina, sob as mãos habilidosas de Pérola, ela foi alvejada, tornando-se ainda mais brilhante, viva- embora não pudesse permanecer adornada, em função de seu multuso, precisando logo ser limpa. Também recebeu farelos, café derramado, ouviu xingamentos, abalou-se, rebelou-se, mas manteve-se firme, até o minuto em que voltaria a ser uma *mesa*, a mobília inerte inicial. Mas sabia que teria este fim e, por isso mesmo, não ficou triste. Segue com sua sina, aguardando outros sujeitos que lhe resgatem a alma. Enquanto este tempo não chega, lá permanece, vivendo de lembranças.

A MESA

A mesa tem somente o que precisa
para estar circundada de cadeiras,
fazendo parte da vida familiar
entre alimentos, flores e conversa.

Escura mesa gravemente muda
que, parecendo alheia a quanto a cerca,
encerra no silêncio toda a ciência
da idade desdobrando gerações.

olho de cerne, comovido e frio!
indiferente coração parado
entre o grito infantil e o olhar cansado.

Mistério de madeira rodeado
por cadeiras, lembranças, utensílios,
e um leve odor de tempo alimentício.
(Bandeira Tribuzi)

Referências Bibliográficas

BILGE, Sirma. Théorisations féministes de l'intersectionnalité. **Diogène**, 1 (225), p. 70-88, 2009.

BIRMAN, J. Juventude e condição adolescente na contemporaneidade: uma leitura da sociedade brasileira hoje. In BOCAYUVA, H. e NUNES, S. A. (Org.). **Juventudes, subjetivações e violências**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009. P. 25-40.

BOCK, A. M. B. **Psicologias: uma introdução ao estudo de Psicologia**. São Paulo: Saraiva, 1999.

BUARQUE, C. A **Universidade numa encruzilhada**. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/palestra6.pdf> Acesso em 05 de fevereiro de 2020.

CORDOVIL, Daniela. Espiritualidades feministas: Relações de gênero e padrões de família entre adeptos da wicca e do candomblé no Brasil. **Revista Crítica de Ciências Sociais [online]**, nº 110, p. 117-140, 2016. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/pdf/rccs/n110/n110a07.pdf> Acesso em 06 de fevereiro de 2020.

DAMERGIAN, S. Migração e referenciais identificatórios: linguagem e preconceito. **Psicologia USP**, São Paulo, abril/junho, 20(2), p. 251-268, 2009. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicousp/v20n2/v20n2a07.pdf> Acesso em 04 de fevereiro de 2020.

FERNANDES, V. B. e SOUZA, M. C. C. C. de. Identidade Negra entre exclusão e liberdade. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, abr. 2016, nº 63, p. 103-120, 2016. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/114868/112595> Acesso em 15 de fevereiro de 2020.

GONÇALVES, R e AMBAR, G. A questão racial, a universidade e a (in)consciência negra. **Lutas Sociais**, São Paulo, jan./jun. 2015, vol.19, nº 34, p.202-213, 2015. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/ls/article/view/25767> Acesso em 3 de fevereiro de 2020.

MAGNANI, J. G. C. "Transformações na cultura urbana das grandes metrópoles", in A. S. Moreira. **Sociedade global: cultura e religião**. Petrópolis: Vozes, 1998.

MARTINO, L. M. S. De um eu ao outro: narrativa, identidade e comunicação com a alteridade. **Parágrafo**. jan/jun.2016 v. 4, nº 1, 2016. Disponível em <file:///C:/Users/Rose%20pesq/Downloads/377-1215-1-PB.pdf> Acesso em 15 de fevereiro de 2020.

MEC- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Programa de Educação Tutorial (PET). Manual de Orientações Básicas**. 2010. Disponível em <file:///C:/Users/Rose%20Maia/Desktop/manualorientabasicas.PDF> Acesso em 23 de janeiro de 2017.

MINAYO, M. C. S. A condição juvenil no século XXI. In: MINAYO, M.C.S., ASSIS, SG., e NJAINE, K. (org.). **Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do 'ficar' entre jovens brasileiros** [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2011. P. 17-43.

RIBEIRO, D. **O que é: lugar de fala**. Belo Horizonte: Letramento/Justificando, 2017. Disponível em <http://www.uel.br/neab/pages/arquivos/Livros/RIBEIRO%20Djamila.%20O%20que%20e%20lugar%20de%20fala.pdf> Acesso em 04 de fevereiro de 2020.

SOUSA, N. S. **Tornar-se negro**. Rio de Janeiro: Graal, 1983. Disponível em [https://www.academia.edu/31907646/Tornar se negro - Neusa Santos Souza](https://www.academia.edu/31907646/Tornar_se_negro_-_Neusa_Santos_Souza) . Acesso em 15 de fevereiro de 2020.

SOUZA, M. L. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In CASTRO, Iná et al (org.). **Geografia Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. P. 77-116.

THONES, A. P. B. e PEREIRA, M. de A.. Um Entre o Outro e Eu: do estranho e da alteridade na educação. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, abr./jun. 2013, v. 38, nº 2, p. 501-520, 2013. Disponível em: http://www.ufrgs.br/edu_realidade

TODOROV, T. **A Conquista da América- a questão do Outro**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

VIEIRA, J. M. Transição para a vida adulta no Brasil: análise comparada entre 1970 e 2000. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**. São Paulo, jan./jun. 2008, v. 25, nº 1, p. 27-48, 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbepop/v25n1/v25n1a03.pdf> . Acesso em 08 de fevereiro de 2020.

Agradecimentos:

Agradeço aos alunos que fizeram parte do PET/Conexões Caminhos de Santa Cruz, que autorizaram o uso de seus depoimentos/narrativas para a elaboração do presente artigo.

O projeto obteve financiamento através do Fundo Nacional para Desenvolvimento da Educação- FNDE/MEC, cujo recurso foi de fundamental importância para o pagamento de bolsas aos alunos e Tutora, bem como para a aquisição de insumos necessários à realização das atividades de ensino, pesquisa e extensão previstas.